

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Lívia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091 | |
| CAPÍTULO 2 | 15 |
| A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092 | |
| CAPÍTULO 3 | 31 |
| OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093 | |
| CAPÍTULO 4 | 47 |
| ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094 | |
| CAPÍTULO 5 | 57 |
| TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095 | |
| CAPÍTULO 6 | 67 |
| DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096 | |
| CAPÍTULO 7 | 78 |
| INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097 | |
| CAPÍTULO 8 | 93 |
| REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9..... | 110 |
| “QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR | |
| Paulo Henrique Pinheiro de Barros | |
| DOI 10.22533/at.ed.5522016099 | |
| CAPÍTULO 10..... | 126 |
| GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO- PRÁTICOS | |
| Gabriely Leme Garcia | |
| Tainá Jackeline Tomaselli | |
| Ana Carolina Tiemi Galo | |
| DOI 10.22533/at.ed.55220160910 | |
| CAPÍTULO 11..... | 137 |
| O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS | |
| Heloá Pontes Maués | |
| Michele dos Santos Moura | |
| DOI 10.22533/at.ed.55220160911 | |
| CAPÍTULO 12..... | 152 |
| A PERCEÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA | |
| Larissa da Silva Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.55220160912 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 166 |

CAPÍTULO 3

OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA

Luciane Patrícia Yano¹
Francisco Alves Soares Neto²
Mariana da Silva de Andrade³

O bem-estar é arte.

Arte de estar presente.

Presente em acolher.

Acolher o que nos é ausente.

A busca humana pela felicidade é secular e presente, historicamente, nas variadas manifestações populares. Olhando para nosso passado recente, nas últimas duas décadas, mais especificamente, nos últimos 16 (dezesesseis) anos, desde que a Universidade de Harvard ofereceu uma classe sobre felicidade em 2004 e teve uma procura maciça por parte dos/as estudantes (SELIGMAN, 2002), observamos um aumento de páginas nas mídias sociais voltadas para a temática da felicidade, como a *projecthappiness*⁴ e a *actionforhappiness*⁵. A prática de *mindfulness* parece estar presente no conhecimento popular, e, nos *streamings*, documentários como *Happy* (2011) e *The Altruism Revolution* (2016) ocupam lugar como conhecimentos de interesse científico-popular.

Contudo, a que nos referimos quando falamos de felicidade? Nossa jornada começa pela apropriação do sentido de felicidade a que este capítulo se refere. No dicionário Houaiss, a felicidade é definida como: “1. Qualidade ou estado de feliz, estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento, bem-estar; 2. Boa fortuna, sorte; 3. Bom êxito, acerto, sucesso” (FELICIDADE, 2009, p. 884). Para a Associação Psicológica Americana (APA), felicidade é definida como “emoção de alegria, contentamento, satisfação e bem-estar” (VANDENBOS, 2010, p. 417). Ainda, em artigos científicos pesquisados, encontramos o predomínio das seguintes definições: bem-estar e satisfação com a vida (SOTO; LUHMANN, 2013), satisfação com a vida (KUMAR; KILLINGSWORTH; GILOVICH, 2020; HEADEY; YONG, 2019). Aqui, com base nas palavras-chave de maior prevalência,

1. Gestalt-terapeuta. PhD pela Nagoya City University (Japão). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Docente da Universidade Federal do Acre. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Existenciais-Fenomenológicas da UFAC

2. Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre. Pesquisador do Grupo de Pesquisas Existenciais-Fenomenológicas da UFAC

3. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas Existenciais-Fenomenológicas da UFAC

4. Organização sem fins lucrativos (Facebook: @projecthappiness).

5. Organização sem fins lucrativos que desenvolve ações para promoção da felicidade enquanto bem-estar (Facebook: @actionforhappiness).

optamos por adotar o conceito de felicidade como *bem-estar* e *satisfação com a vida*, tomando-a como uma ideia de saúde e/ou crescimento mental e que se inter-relaciona com a saúde física e com a qualidade das relações sociais.

Consideramos relevante, também, apresentar uma diferenciação entre alegria e felicidade, uma vez que esses dois afetos podem ser confundidos como tendo uma mesma definição. Para Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 167), “as emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em resposta a um acontecimento inesperado ou, às vezes, muito aguardado”. Ainda para os mesmos autores, os sentimentos são mais duradouros que as emoções e não acompanham reações orgânicas tão intensas. A partir dessas definições, a alegria corresponde a uma emoção e felicidade, a um sentimento.

A felicidade é um fenômeno que está relacionado a aspectos intersubjetivos e se dá pela forma de relacionar-se consigo e com o mundo. Nós sentimos, agimos e pensamos influenciados pela felicidade. Partindo dessa perspectiva, a felicidade como afeto é o fluir que proporciona um estado de plenitude e bem-estar. No meio acadêmico, grande parte dos estudos na área da Psicologia apresentam como foco os aspectos negativos do ser humano, centrados nas disfunções e patologias e suas curas. Pode-se dizer que o estudo sobre felicidade se desenvolveu de maneira inconsistente. Atualmente, contudo, tem atraído maior atenção, tendo se tornado um tema de pesquisa por profissionais de diversas áreas, com o foco na Psicologia.

Historicamente, a humanidade volta sua atenção para a felicidade como objeto de debate desde a Antiguidade. São expoentes da Filosofia acerca da temática da felicidade Sócrates, Aristóteles (1987), Platão (1995), Epicuro e Sêneca (1994). Sócrates entendia a sabedoria como pórtico da felicidade. Platão (1995) refletia sobre a felicidade estar no equilíbrio entre o ser humano e seus desejos, não se deixando agir precipitadamente. Sêneca sustentou que a felicidade estava na compreensão do indivíduo de seus prazeres e desprazeres – alcançando a harmonia entre dor e alegria, o ser humano evitaria desapontamentos e a constância de felicidade; e, para Epicuro, nem todos os prazeres levavam ao bem e ao belo, por isso, deveria se buscar ao máximo os prazeres certos e evitar o sofrimento desnecessário (EPICURO; SÊNECA, 1994).

A partir do Iluminismo, a visão de mundo no Ocidente começa a girar em torno da crença de que todo ser humano tem o direito de atingir a felicidade. No mesmo viés, o ideário da Revolução Francesa estabelece que o objetivo da sociedade deve ser a obtenção de felicidade de seus cidadãos (CSIKSZENTMIHALYI, 1991). Ainda sob uma perspectiva histórica, pode-se constatar que o conceito de felicidade humana esteve baseado em duas premissas antíteses: uma proveniente externa e outra proveniente interna. A premissa externa consiste em alcançar a felicidade por meio de conquistas ou eventos. Como exemplo dessa concepção, pode-se citar promoção no emprego ou a aquisição de bens materiais. A premissa interna consiste na melhora de si mesmo, concedendo a si a responsabilidade de fazer-se feliz. Como exemplo dessa concepção, podemos citar a ideia de Aristóteles da

felicidade como exercício das virtudes, e de Epicuro, como controle dos excessos durante a vida (GRAZIANO, 2005).

O conceito de felicidade, visto da perspectiva cultural, pondera se os fatores que indicam o que é felicidade em uma cultura são significativamente válidos ou semelhantes para outra, e se esses fatores podem ser aplicados para medir felicidade de maneira geral. Coulmas (2009) afirma que os estudos acerca de felicidade estão de acordo com as ideias ocidentais de bem-estar pessoal e realização. Blumenberg (1987) defende a subjetividade da felicidade, reivindicando que devemos evitar uma determinação objetiva do que é felicidade. Para esse autor, felicidade é o que um indivíduo entende como sua felicidade, considerando ser uma catástrofe potencial para a humanidade se alguém determinasse para todos, ou todos se determinassem para um, o que a felicidade deve consistir. Nesse viés a determinação da felicidade não deveria ser deixada nas mãos da ciência, evitando-se lançar luz sobre o que é felicidade por meios objetivos.

Sewaybricker (2017) aponta que há diferenças entre as compreensões acerca da felicidade, visto que a noção desse conceito não é igual para todos os indivíduos e varia de acordo com as diferentes culturas. Ao pesquisar sobre as diferenças entre a felicidade em países e suas correspondentes culturas, Tsai, Knutson e Fung (2006 *apud* SEWAYBRICKER, 2017, p. 99) investigaram as distinções entre a compreensão de chineses e estadunidenses, por meio da avaliação do estado emocional ideal para esses cidadãos, e concluíram que, enquanto os americanos valorizam mais os estados emocionais de excitação, os chineses valorizaram mais os estados emocionais ligados à calma.

Quanto aos contrastes entre felicidade ocidental e oriental, Uchida e Ogihara (2012 *apud* SEWAYBRICKER, 2017, p. 100) questionam os instrumentos utilizados para a medir a felicidade e o bem-estar, por exemplo, ao discorrerem sobre a aplicação de instrumentos realizados nos Estados Unidos e no Japão. Consoante esses autores, os cidadãos do Japão conquistaram uma média inferior em relação aos estadunidenses, levando em consideração que o instrumento “*Satisfaction With Life*” (DIENER *et al.*, 1985 *apud* SEWAYBRICKER, 2017, p. 100) concede um elevado grau de importância para realizações de cunho pessoal, aspecto que não apresenta tanta influência para a cultura do Japão. O questionário exprime o foco na cultura ocidental e não demonstra concepções que integram o cotidiano dos indivíduos que estão inclusos em uma cultura oriental. O interessante é que, no Japão, felicidade é *Koufuku* (幸福), assemelhando-se ao conceito de eudaimonia⁶, assim como na Psicologia Positiva. Dessa forma, entende-se que a felicidade não é uma concepção universal, mas, que existe de acordo com os valores de cada cultura e multidimensionalmente (BIEDA *et al.*, 2017).

Como dito, a busca humana pela felicidade é secular e, sua compreensão, de ordem transcultural e multidimensional. Com o objetivo central de estabelecer uma aproximação

6. A felicidade seguindo um critério moral e motivacional para as ações humanas. Há duas versões da eudaimonia: a mais moderna enfatiza seus aspectos individualistas pela busca do que lhes é prazeroso; a mais antiga é de Aristóteles (384-322 a.C) e enfatiza o princípio de atração pela natureza a fim de obtermos um bem maior, que será a fonte de felicidade genuína (VANDENBOS, 2007, p. 393).

entre o conceito de felicidade e a Gestalt-terapia, neste capítulo, percorreremos o seguinte o percurso discursivo: falar da felicidade na Gestalt-terapia, por meio da visão humanista, existencialista e fenomenológica; apresentar estudos sobre a felicidade na atualidade, abordando, especialmente, a ciência da felicidade; estabelecer interlocuções entre os estudos sobre felicidade e a Gestalt-terapia; e desenvolver discussões finais, tematizando os conceitos de resgate ao positivo e da determinação da normalidade, no que se refere a pensar, criticamente, uma indústria da felicidade. Por meio de pesquisa conceitual, apresentaremos como palavras e conceitos-chave deste capítulo: felicidade, Gestalt-terapia, ciência da felicidade, resgate ao positivo e *normo* determinação da felicidade.

Para a construção deste texto, realizou-se um levantamento da literatura que discorria sobre a felicidade ou bem-estar, no qual foram encontrados artigos científicos, teses, dissertações e revistas especializadas acerca dos temas, nas plataformas do Google Acadêmico, JSTOR, Scribd e SciELO. Os documentários foram encontrados em uma lista de filmes sobre a temática da felicidade, realizando-se pesquisas acerca cada um e selecionando dois para serem aqui discutidos, assistidos nas plataformas Youtube e Vimeo. As demais temáticas foram referenciadas a partir de livros digitais e impressos.

Percebemos que a maioria dos resultados sobre felicidade ou bem-estar para a Psicologia estavam inclusos nos textos acerca da Psicologia Positiva. A partir das pesquisas, apresentamos a concepção para essa abordagem da Psicologia e construímos correlatos entre felicidade, Gestalt-terapia, humanismo, existencialismo e fenomenologia.

FELICIDADE E GESTALT-TERAPIA: HUMANISMO, EXISTENCIALISMO E FENOMENOLOGIA

O estudo sobre a felicidade em Gestalt-terapia não é comum. A Gestalt-terapia traz um conceito de pessoa na sua relação com o mundo, em que a fluidez é compreendida como saudável e promotora de crescimento. Contudo, encontramos dois estudos dessa interlocução: o primeiro, de Saadati *et al.* (2013), objetivou examinar o impacto da Gestalt-terapia na felicidade de pessoas idosas e seus resultados indicaram um aumento de emoções positivas e felicidade nos participantes. No segundo, de Moghimian, Amini e Kashani (2016), ainda que não voltado diretamente para a felicidade, mas sim, para a influência da Gestalt-terapia na assertividade, sugeriu que a comunicação assertiva, ao aprimorar a autoestima, a expressão lógica dos pensamentos, a redução da ansiedade e da apropriação dos direitos humanos básicos na comunicação, aumentara a satisfação com a vida e o bem-estar.

Apresentados esses dois estudos e dada a quase inexistência da pesquisa de felicidade em Gestalt-terapia, seguiremos para uma visão da felicidade no humanismo, no existencialismo e na fenomenologia, filosofias de base da Gestalt-terapia.

O movimento social e psicológico humanista contribuiu para o surgimento da terceira onda da Psicologia na década de 1950, como forma de protesto aos dois ramos já existentes predominantes: o Behaviorismo – na área da Psicologia Experimental e considerada

mecanicista; e a Psicanálise – no campo da psicoterapia e considerada como fatalista e pessimista (CASTAÑON, 2007). Enquanto a Psicologia se encontrava limitada a essas duas concepções, a Psicologia Humanista surge para romper a dicotomia mecanicista e pessimista nos estudos sobre o ser humano. Segundo Mendonça (2013), a Psicologia estaria ignorando as potencialidades humanas, focando os aspectos obscuros da personalidade. Para Bugental (1963), a Psicologia Humanista tem cinco pressupostos: I) o indivíduo é maior que a soma de suas partes; II) somos seres em relação com outras pessoas; III) o ser humano é consciente; IV) o ser humano é dotado de liberdade; e V) o ser humano tem intencionalidade. A Psicologia de base humanista, nesse contexto, apresentou um olhar voltado ao crescimento humano, com conceitos tais como alegria, altruísmo e satisfação (CASTAÑON, 2007) relacionados ao potencial humano, que se conectam ao conceito de felicidade.

Em se tratando da temática da felicidade no existencialismo, a busca por artigos foi ainda mais limitada. Nas buscas, apresentam-se temas como sentido de vida, responsabilidade ou satisfação como possíveis correlatos ao que se compreende como felicidade enquanto bem-estar e satisfação com a vida. Mesmo com a escassez de trabalhos, de acordo com Souza e Oliveira (2018), o existencialismo é uma corrente teórico-filosófica que também discorreu sobre construtos da felicidade, e suas principais reflexões são pautadas na existência humana, nas privações, nas dores e no sofrimento como acontecimentos indispensáveis para a felicidade.

Para Sartre (1997), o ser humano existe de escolhas e, de acordo com as próprias escolhas, irá apresentar a sua existência no mundo: o homem, primeiro, existe, torna-se e constitui a sua essência; a existência precede a essência e é o ser humano quem constrói a própria felicidade. Em Heidegger (2005), encontramos um possível correlato do sentido de felicidade como sentido de vida e de bem-estar, por meio da concretização da autenticidade, a qual ocorre no momento em que o ser humano atingiu o seu atributo original de ser, tornando-se autêntico, tendo como resultados a responsabilidade pela própria existência e o desfazer-se da inquietude presente na vida.

Já na fenomenologia, a felicidade apresenta uma ideia ligada ao conceito de transcendentalidade. Entende-se que todos os seres possuem singularidades ontológicas, o que significa que têm diferentes formas de existir e se manifestar no mundo e que existem em condições ontológicas diferentes dos outros seres, sendo feixes de possibilidades carregados de potencialidades. O ser tem em seu corpo a manifestação física de sua existência, como também sua condição limitante de manifestação, e a sua consciência como condição que o correlata ao mundo. Transcendendo a si mesmo, o ser humano poderá ir ao encontro de novas possibilidades, lançado no mundo e responsável por si mesmo, construindo-se a partir da coexistência com os outros seres, com o mundo e consigo mesmo (CRITELLI, 1996).

De encontro com a sua liberdade, o ser humano vivencia suas experiências e dá sentido a elas, diferenciando-se dos outros e se tornando único. Ele se depara com a angústia existencial como manifestação autêntica do seu existir, em que é obrigado a escolher dentre

suas possibilidades de ser, e algumas possibilidades significam a negação de outras, o que gera angústia. A compreensão de sua relação com o mundo e com os outros pode ressignificar antigas situações ou desvelar novas possibilidades antes restritas. A consciência de suas possibilidades enquanto ser-no-mundo pode direcionar a busca da autorrealização e de sua felicidade (CYTRYNOWICZ, 1997).

Por fim, temos a visão de Levinas (1980), em que a felicidade é a maneira essencial e originária de ser no mundo. A felicidade contorna o ser humano apenas pelo feito habitual de viver:

Felicidade é condição da actividade, se actividade significa começo na duração contínua. O acto supõe, sem dúvida, o ser, mas marca, num ser anônimo – onde fim e começo não têm sentido – um começo e um fim. Ora, a fruição realiza a independência em relação à continuidade, dentro dessa continuidade: cada felicidade chega pela primeira vez (p. 99).

A CIÊNCIA DA FELICIDADE

Para a Psicologia, o entendimento de bem-estar e satisfação – os dois conceitos ligados à felicidade neste capítulo – é diversificada por abordagens conceituais e métodos de estudos. Atualmente, a felicidade tem sido objeto de estudo, principalmente, da Psicologia Positiva, que direciona seu foco para os aspectos positivos da condição humana, considerando o bem-estar como conceito subjetivo que corresponde a uma avaliação, tanto afetiva quanto cognitiva, sobre o que uma pessoa faz acerca de sua própria vida; concomitantemente, trata-se de um conceito que inclui experiências emocionais agradáveis, baixos níveis de humores negativos e alta satisfação com a vida (DIENER; LUCAS; OISHI, 2002 *apud* GRAZIANO, 2005, p. 38).

A Psicologia Positiva, proposta por Seligman e Csikszentmihaly (2000), trabalha com o estudo dos aspectos positivos e estados afetivos, como a resiliência, o otimismo, a felicidade, o bem-estar e a gratidão. Os principais pesquisadores da felicidade atual na Psicologia são: Martin Seligman, Mihaly Csikszentmihalyi, Daniel Gilbert, Sonja Lyubomirsky e Ed Diener. Abordagens que valorizam os aspectos ditos positivos ou preservados dos estados afetivos não são novas ou originais. Autores como Roberto Assagioli, Abraham Maslow e Carl Rogers já discutiam a ênfase nos pontos positivos do ser humano, as potencialidades e uma nova perspectiva acerca do comportamento dos indivíduos (PALUDO; KOLLER, 2007).

Os estudos atuais acerca da felicidade no ramo da psicologia, mais especificamente, na Psicologia Positiva, assemelham-se a alguns conceitos humanistas e/ou, talvez, estejam *de pé sobre os ombros* desses conceitos, alguns desses anteriores ao movimento humanista, como William James, John Dewey e Stanley Hall (FROH, 2004). A ligação entre Psicologia Positiva e Psicologia Humanista, entretanto, não ocorre de maneira explícita, tendo em vista que suas fundamentações filosóficas ontológicas e epistemológicas se

diferenciam (WATERMAN, 2013). Waterman (2013) cita que alguns dos estudos de base da Psicologia Positiva estão associados a teóricos desenvolvimentais na Psicologia, tais como Kurt Goldstein, Marie Jahoda, Edward Joseph Shoben Junior, Erik Erikson, Carl Rogers, Abraham Maslow – este último tendo citado a Psicologia Positiva pela primeira vez (WATERMAN, 2013; MASLOW, 1954).

As comparações entre conceitos da Psicologia Humanista e da Psicologia Positiva apresentam ambivalências, num movimento caracterizado por tensões e aproximações. Dentre as críticas tecidas em artigos ligados à sociedade humanística americana, defende-se que a Psicologia Positiva se apropria de conceitos humanistas, como a valorização das virtudes ou aspectos preservados no funcionamento humano, bem como a inclusão de conceitos de filosofias orientais, o que provocou algumas discussões entre autores/as humanistas em relação à Psicologia Positiva (TAYLOR, 2001; FROH, 2004; FRIEDMAN, 2013; RESNICK; WARMOTH; SERLIN, 2001). Consideramos interessante uma indicação de que a Psicologia Positiva teria ignorado muitas publicações feitas no *Journal of Humanistic Psychology* - Divisão 32 da APA (FROH, 2004), ao mencionar que a Psicologia Humanista seria frágil do ponto de vista empírico.

A ciência da felicidade atual, de algum modo, apresenta um renascimento da vertente humanista, uma vez que diversos conceitos desse movimento estão sendo desenvolvidos, contudo, adotando-se uma metodologia positivista e reducionista, com a finalidade de medir e definir aspectos positivos, como satisfação, bem-estar, *mindfulness*, *flow* e felicidade. Ainda que Seligman (2002) apresente em seu livro uma fórmula da felicidade, as pesquisas que procuram verificar e entender as causas da felicidade discutem que não existe fórmula para a felicidade (CAMALIONTE; BOCCALANDRO, 2017).

Os circunstanciais da felicidade mostram que 50% do bem-estar e da satisfação seguem uma tendência genética, 40% são disposicionais (as atividades intencionais) e 10%, circunstanciais, ou seja, devido a status social, dinheiro e condição de fragilidade orgânica/saúde (LYUBOMIRSKY, 2011). Assim, bem-estar e satisfação são compostos por aspectos subjetivos, o que implica compreender que, mesmo que sejam utilizados métodos de medição para avaliar a felicidade individual, o índice provavelmente será relativo e subjetivo.

INTERLOCUÇÕES ENTRE OS ESTUDOS SOBRE FELICIDADE E GESTALT-TERAPIA

Continuamos nossa jornada chegando à Gestalt-terapia. Coerente com a proposta do movimento humanista da década de 50, a Gestalt-terapia, que tem seu marco histórico inicial com a publicação de *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951), surgiu em contrapartida às abordagens psicológicas existentes à época, que detinham o foco nos sintomas e aspectos

negativos, como apontado por Ginger e Ginger (1995).

Em consonância com o humanismo, que apresentou o antropomorfismo como um antídoto para a colocação do indivíduo como um animal a ser pesquisado em laboratório (SMITH, 1990), a Gestalt-terapia inicial apresentou contornos individuais e que, gradativamente, foram se alinhando a outras influências e se expandindo para uma visão ecológica, como sugere a Figura 1.

AS TRÊS ONDAS EM GESTALT-TERAPIA

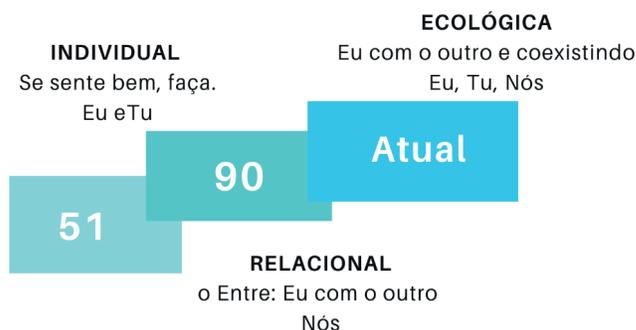


Figura 1 – As três ondas em Gestalt-terapia

Fonte: elaborado pelas autoras e autor, 2020.

A Gestalt-terapia apresenta uma visão holística; acredita no potencial para o crescimento do ser humano, baseando-se, dentre outros princípios, na autorregulação orgânica (GOLDSTEIN, 1995). A ipseidade (RIBEIRO, 2005) é um importante valor da Gestalt-terapia e isso implica na compreensão de que a preservação e o desenvolvimento do bem-estar se dá de maneira fluida e homeostática, sem um foco na “cura” de transtornos psicológicos, o que levaria a uma referência circunstancial de normalidade, pensamento contrário à essência da Gestalt-terapia.

É possível inferir que alguns indivíduos possuem uma compreensão de psicoterapia e das abordagens psicológicas ligada ao senso comum ou até mesmo ao superficial, vinculando a psicoterapia, exclusivamente, às práticas que envolvem processos de cura e aspectos negativos do ser humano. A Gestalt-terapia diverge desse ponto de vista, como apontado por Ginger e Ginger (1995, p. 17): “a Gestalt, para além de uma simples psicoterapia, apresenta-se como uma verdadeira filosofia existencial, uma ‘arte de viver’, uma forma particular de conceber as relações do ser vivo com o mundo”. Resgatar os aspectos positivos e valorizar as potencialidades de cada ser são pontos expressivos

para compreender o sentido de bem-estar e felicidade para a Gestalt-terapia. É a partir dos princípios humanistas, como citado no decorrer do capítulo, que emerge o resgate ao positivo nessa perspectiva.

Ribeiro (2009) aponta que, ao resgatar no ser humano o que foi perdido ou que se encontra desorganizado, percebe-se no indivíduo os aspectos preservados que possui, e que estes aspectos proporcionam potencialidade para mudanças. Ao encontrar uma mesa com um pé quebrado e o restante em bom estado, ao invés de descartar todo o móvel pelo fato de uma parte não funcionar, conserva-se a mesa, levando em consideração que ainda mantém outros pés funcionando – um resgate ao positivo à parte conservada. “Em vez de trabalhar só o sintoma, valência negativa, trabalhamos o processo, valência positiva [...], começando pela parte mais preservada da personalidade” (RIBEIRO, 2009, p. 30).

A seguir, a partir de Taylor (2001), Resnick, Warmoth e Serlin (2001) e Waterman (2013), estabelecemos no Quadro 1 algumas relações entre a Psicologia de base humanista (compreendendo seu caráter também existencial-fenomenológico) e a Psicologia Positiva, aqui representando os estudos sobre felicidade, orientando as visões sobre a temática com base nesses conceitos. As dimensões utilizadas para essa relação são as de Feist, Feist e Roberts (2015), que configuram o que os autores chamam de conceito de humanidade.

Outras diferenças em relação às duas perspectivas são direcionadas às suas referências (autores/as e filósofos), aspectos ontológicos e epistemológicos, e sobre a definição do sentido de positivo. Quanto à definição de positivo para o movimento humanista, relaciona-se aos aspectos preservados da pessoa, correlatos ao bem-estar e assimilados pela experiência (RESNICK; WARMOTH; SERLIN, 2001); enquanto que, na Psicologia Positiva, há três denominações de positivo: o Positivismo, a oposição Hegeliana e o reforço positivo (TAYLOR, 2001).

Quanto aos autores de base, na Psicologia Humanista, os teóricos estão alinhados com o existencialismo e a fenomenologia: Martin Buber, Heidegger, Edmund Husserl, Merleau-Ponty, Nietzsche, Soren Kierkegaard, Rollo May, Jean-Paul Sartre e Paul Tillich; enquanto que, na Psicologia Positiva, as referências são de base da filosofia helênica clássica e cristã: Aristóteles, Demócrito, filósofos cristãos da Idade Média, eudemonistas contemporâneos e Bertrand Russel (WATERMAN, 2013). Taylor (2001) lembra a contribuição de inúmeros pesquisadores humanistas (Charlotte Buhler, Milton Erikson, J. B. Rhine, Irvin Child, Joe Kamiya, Arthur Deikman, Charles Tart) para a Psicologia Positiva, incluindo Laura Perls (TAYLOR, 2001; HALPERN *et al.*, 1998).

| Psicologia de base humanista (Existencial-Fenomenológica) | Psicologia Positiva |
|---|--|
| <i>Determinismo e livre-arbítrio</i> | |
| O homem é livre para fazer suas escolhas | Existência e forma surgem simultaneamente |
| <i>Pessimismo e otimismo</i> | |
| Visão otimista do homem, voltada para o crescimento e para o desenvolvimento de suas potencialidades e motivado pela busca de respostas | Há uma natureza humana individual que reflete o melhor potencial. As pessoas podem aprimorar seu desempenho com o desenvolvimento de suas forças de virtudes |
| <i>Causalidade e teleologia</i> | |
| Teleológica, pois o homem é criador de seu próprio destino e, ainda que haja variáveis que não possam ser controladas, a maioria das escolhas de sua vida o são como <i>suas próprias</i> escolhas, sua própria construção e sua própria responsabilidade | Causal quando considerados os aspectos metodológicos de pesquisa. Teleológico quando atribui uma liberdade sobre seus pensamentos |
| <i>Determinantes conscientes e inconscientes no comportamento</i> | |
| Não se nega o inconsciente. Contudo, não se atribui a ele um caráter determinativo. Assim, o homem é, essencialmente, um ser consciente de suas ações | Não se trabalha a noção do inconsciente, mas de aprendizagem |
| <i>Influências biológicas e sociais</i> | |
| Não desconsidera o homem um ser biológico, contudo, enfatizam-se as relações sociais, as relações estabelecidas entre as pessoas, como o mais importante aspecto do homem | Atribui à neurofisiologia uma base importante para explicação da felicidade |
| <i>Hereditariedade e ambiente</i> | |
| Os fatores ambientais possuem maior peso do que os fatores hereditários. A hereditariedade é tendência e não determinação | Hereditariedade e ambiente, estatisticamente, possuem a mesma influência |
| <i>Singularidades e similaridades</i> | |
| O homem é um ser singular e, sendo assim, não haverá outro como a ele. A maneira como cada pessoa se ajusta criativamente no mundo demonstra essa ipseidade | Foco nas similaridades, seguindo metodologia positivista |
| <i>Configurações da felicidade</i> | |
| Temática ligada à satisfação. Eleição de prioridades na existência. Autenticidade. Integração corpo, mente e ambiente. Habilidade de sustentar sensações agradáveis | Objeto de estudo e de base Aristotélica. Eudaimônica. Foco nos aspectos cognitivos da felicidade. Envolve uma forma positiva de pensar e agir |

Quadro 1 – Felicidade pelos conceitos de humanidade da Psicologia Humanista (existencial-fenomenológico) e da Psicologia Positiva

Fonte: elaborado pelas autoras e autor com base em Feist, Feist e Roberts (2015), Resnick, Warmoth e Serlin (2001), Taylor (2001) e Waterman (2013).

Em seguida, aproximamos os estudos sobre felicidade na atualidade à Gestalt-terapia, começando por um conceito em particular que nos chamou a atenção: o de *flow*, desenvolvido por Csikszentmihalyi (1992), e sua semelhança com o que, na Gestalt-terapia, chama-se de *awareness*. Csikszentmihalyi (1992) descreve o *flow* ou fluir como um estado de concentração absoluta na atividade efetivada no momento presente, a simetria entre o corpo e a mente. Para explicar o conceito de *awareness* presente na Gestalt-terapia, ainda que apresente diferentes conceituações que variam de autor para autor, utilizamos a concepção de Alvim (2014, p. 15), que a concebe como “fluxo da experiência aqui-agora que, a partir do sentir e do excitação presentes no campo, orienta a formação de gestalten, produzindo um saber tácito”. Essa definição, em particular, apresenta uma conexão entre *awareness* e *flow* enquanto categorias meditativas.

Considerando as diferenças metodológicas, ontológicas e epistemológicas entre as perspectivas humanísticas e a Psicologia Positiva, escolhemos comparar, enquanto filosofias práticas e não conceituais, a Psicologia Positiva e Gestalt-terapia (Quadro 2), focada na premissa interna e atitudinal em que uma aproximação possível se fez pela compreensão da qualidade da experiência humana.

| Ciência da Felicidade/Psicologia Positiva | Gestalt-terapia |
|---|---|
| <i>Ideia de controle, perda da espontaneidade e busca por prazeres momentâneos</i> | |
| Felicidade condicionada (SELIGMAN, 2002) | Interrupção egótica ou automonitoramento (JOYCE; SILLS, 2014) |
| <i>Percepção de sua própria necessidade e experiência coerente com essa percepção</i> | |
| Felicidade autêntica | Autenticidade |
| <i>Prática de presentificação</i> | |
| Mindfulness Flow | Aqui-agora Contínuo de Awareness |
| <i>Ideia de capacidade de atualização humana</i> | |
| Neuroplasticidade | Potencial humano |
| <i>Desapego funcional de experiências desagradáveis</i> | |
| “Ignorar, refletidamente o que não nos faz bem” (LYUBOMIRSKY, 2011 apud HAPPY, 2011) | Deflexão desde que como uma refletida retirada estratégica |
| <i>Capacidade de desenvolver forças para enfrentamento de situações difíceis</i> | |
| Resiliência | Autossuporte ou Sistema de suporte interno |

Quadro 2 – Interloquções entre Ciência da Felicidade/Psicologia positiva e Gestalt-terapia – Quadro comparativo enquanto filosofias práticas

Fonte: elaborado pelas autoras e autor, 2020.

DISCUSSÕES FINAIS

Em razão das diferenças metodológicas, ontológicas e epistemológicas entre as perspectivas humanísticas, a ciência da felicidade (Psicologia Positiva) (TAYLOR, 2001; RESNICK; WARMOTH; SERLIN, 2001; WATERMAN, 2013) e a Gestalt-terapia, as aproximações incluídas neste capítulo foram possíveis por meio de uma compreensão enquanto filosofias práticas ou modos existenciais. Ainda, a Gestalt-terapia – bem como as abordagens humanistas, de uma maneira geral – evita a caracterização humana em termos de normalidade ou anormalidade, e, na prática clínica, isso se expressa numa imersão às nossas necessidades, incluindo nossas dores e insatisfações.

O diálogo entre abordagens do movimento humanista e a ciência da felicidade e/ou a Psicologia Positiva pode ser frutífera (RESNICK; WARMOTH; SERLIN, 2001). Refletindo sobre a felicidade, vista pelos conceitos de humanidade da Psicologia Humanista e da Psicologia Positiva, percebemos que, enquanto visão de pessoa e de mundo, apresentam semelhanças. Contudo, a metodologia de pesquisa voltada para uma busca da felicidade talvez impacte num fazer clínico voltado aos objetivos e não à pessoa, tendo a felicidade como um resultado a se alcançar. Algo semelhante ocorre na interlocução entre a ciência da felicidade/Psicologia Positiva e Gestalt-terapia, que, enquanto filosofias práticas, se mostraram semelhantes, entretanto, a Gestalt-terapia não se orienta para a cura, mas, para o desenvolvimento da pessoa e da pessoa em relação com o outro no mundo.

É importante ressaltar que, diferentemente dos estudos atuais acerca da felicidade, com foco nos aspectos positivos, a Gestalt-terapia não desconsidera os aspectos disfuncionais, uma vez que o ser humano é um ser holístico e relacional – seguindo uma visão humanista atual não solipsista –, o qual pode realizar ajustamentos criativos a partir dos recursos existentes. Além disso, o fazer clínico da Gestalt-terapia não objetiva enquadrar o indivíduo em comportamentos sociais específicos, considerados normais ou em padrões de bem-estar e satisfação, e sim, possibilitar ao cliente formas para encontrar em si mesmo o seu melhor modo.

A proposição de base das psicoterapias humanistas é o conceito de pessoa e não de normalidade ou anormalidade, considerando que as experiências que configuram nosso mundo fenomenológico são potencialmente vitais para nosso crescimento quando as acolhemos. Essas experiências são composições de frustrações, perdas e dores. É da natureza humana e ecológica a ansiedade frente à nossa efemeridade e a compreensão dos ciclos como parte de todo nosso mundo relacional. A vida afetiva, como um todo, constitui um eu autêntico, ainda que possamos nos esforçar para negá-la. Um olhar excessivamente voltado para os afetos considerados positivos, como alegria e satisfação, pode ser reificante e acentuador dos riscos de negar ou negligenciar nossa condição humana cíclica, multifacetada e imperfeita.

Trazemos novamente aqui, nessa fase de encerramento desta jornada, a

perspectiva de Ribeiro (2009) sobre o resgate ao ser humano e sua metáfora da mesa com o pé quebrado, em que chamamos de resgate ao positivo a parte preservada da mesa. Resgate ao positivo é a nossa “parte preservada da personalidade” (RIBEIRO, 2009, p. 30). O resgate ao positivo comunica sobre uma metodologia que resgata o que há de preservado, contudo, que não se limita a essa porta de entrada. A parte preservada é vista como uma parte no todo. A nossa clínica inclui e valida o ser humano angustiado diante de seu caráter finito.

Retomamos também a poesia inicial deste capítulo: *O bem-estar é arte* – que na relação se constrói. *Arte de estar presente* – em escutar nossas necessidades, confortáveis ou não. *Presente em acolher* – acolhemos nossas vulnerabilidades, e isso inclui insatisfação e dor. *Acolher o que nos é ausente* – minha necessidade expressa um caminho para a minha genuína felicidade: quando nos afastamos das experiências, corremos o risco de desenvolver ou viver ou felicidade alienada.

Percebemos um risco na cultura terapêutica do nosso tempo, focada na rapidez na resolução de problemas e na criação de um novo *mindset*⁷. Os manuais tendem à qualificação da pessoa numa compreensão linear e superficial: condicionados, entorpecidos e dessensibilizados diante de nossas vulnerabilidades, corremos o risco de existir sem um sentido. Assim, sem condicionamentos ou comparações, do autoconhecimento ao uso sábio dos recursos que possuímos, da valorização do que temos à busca pelo que genuinamente nos importa, que parta da medida genuína da voz humana, numa clínica esteticamente ordenada, ecológico e humanamente orientada, em direção ao acolhimento de nossa natureza única.

Assumimos que, metodologicamente, este trabalho reflete, tão somente, uma provocação de discussão na compreensão de pessoa e da pessoa no mundo com o outro na temática da felicidade. Aqui, tendo adotado o conceito de felicidade como bem-estar e satisfação com a vida, que possamos, cada um de nós, encontrar o melhor ajuste para nossa condição humana, conectando-nos à nossa própria natureza e ao mundo. Neste sentido, não há uma medida universal que seja capaz de estimar o que há de melhor ou pior para uma pessoa.

REFERÊNCIAS

THE ALTRUISM Revolution. Dirigido por S. Gilman e T. Lestrade. Paris: Java Films, 2016. 1 vídeo (91 min.) Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/thealtruismrevolution>. Acesso em: 28 jun. 2020.

ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.) **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Pensadores).

7. Com o sentido de mentalidade, opiniões, crenças, o termo vem sendo utilizado como foco de trabalho em alguns treinamentos de Coaching que objetivam a mudança de mindset (MINDSET, c2020).

BIEDA, A. *et al.* Universal happiness? Cross-cultural measurement invariance of scales assessing positive mental health. **Psychological Assessment**, v. 29, n. 4, p. 408-421, 2017.

BLUMENBERG, H. **Die Sorge geht über den Fluß**. Frankfurt: Suhrkamp, 1987.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BUGENTAL, J. Humanistic Psychology: a new breakthrough. **American Psychologist**, n. 18, p. 563-567, 1963.

CAMALIONTE, L. G.; BOCCALANDRO, M. P. R. Felicidade e bem-estar na visão da psicologia positiva. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 37, n. 93, p. 206-227, 2017.

CASTAÑON, G. A. Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. **Memorandum**, v. 12, p. 105-124, abr. 2007. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

COULMAS, F. **Die Illusion vom Glück**: Japan und der Westen. Zürich, Darmstadt: Verlag Neue Zürcher Zeitung; Primus Verlag, 2009.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow**: the Psychology of Optimal Experience. New York: Harper Perennial, 1991.

CYTRYNOWICZ, D. Psicoterapia: uma aproximação dasein analítica. **Daseinsanalyse – Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, v. 1, n. 2, p. 63-70, 1997.

EPICURO; SÊNECA. **Carta para felicidade. Da vida feliz**. Trad.: J. Forte. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 1994.

FEIST, J.; FEIST, G. J.; ROBERTS, T.-A. **Teorias da personalidade**. 8. ed. Trad.: S. M. M. Rosa. Porto Alegre: McGraw Hill; Artmed, 2015.

FELICIDADE. *In*: HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 884.

FRIEDMAN, H. L. Reconciling Humanistic and Positive Psychology: bridging the cultural rift. *In*: HOUSE, R.; KALISCH, D.; MAIDMAN, J. (Eds.). **The future of humanistic psychology**. Monmouth, Wales: PCCS Books, 2013. p. 17-22.

FROH, J. J. The history of Positive Psychology: truth be told. **NYS Psychologist**, v. 16, n. 3, p. 18-20, 2004.

GINGER, A.; GINGER, S. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GOLDSTEIN, K. **The Organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man**. New York: Zone Books, 1995.

GRAZIANO, L. D. **A felicidade revisitada: um estudo sobre o bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HALPERN, D. *et al.* Scholarship in Psychology. **American Psychologist**, v. 53, n. 12, p. 1292-1297, 1998.

HAPPY. Dirigido por R. Belic. [Universal City]: Shady Acres Entertainment, 2011. 1 vídeo (76 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_VNf5oXmxA. Acesso em: 28 jun. 2020.

HEADEY, B.; YONG, J. Happiness and longevity: unhappy people die young, otherwise happiness probably makes no difference. **Social Indicators Research**, v. 142, n. 2, p. 1-20, Apr. 2019. DOI: 10.1007/s11205-018-1923-2.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 14. ed. Trad.: M. S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Skills in Gestalt: counselling & psychotherapy**. 3rd ed. California: Sage, 2014.

KUMAR, A.; KILLINGSWORTH, M. A.; GILOVICH, T. Spending on doing promotes more moment-to-moment happiness than spending on having. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 88, May 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2020.103971>.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Trad.: J. P. Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1980.

LYUBOMIRSKY, S. Hedonic adaptation to positive and negative experiences. *In*: FOLKMAN, S. (Ed.). **The Oxford handbook of stress, health, and coping**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 200-224.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper, 1954.

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.

MINDSET. *In*: CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, c2020. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mindset>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MOGHIMIAN, M.; AMINI, R.; KASHANI, F. Effect of Gestalt therapy on assertiveness of nursing students. **Journal of Holistic Nursing and Midwifery**, v. 16, n. 1, p. 72-79, 2016. Disponível em: <http://hnmj.gums.ac.ir/article-1-634-en.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paideia**, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

PERLS, F. S.; HEFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt therapy**: excitement and growth in the human personality. Gouldsboro, Maine: The Gestalt Journal Press, 1951.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad.: J. Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995.

RESNICK, S.; WARMOTH, A.; SERLIN, I. A. The Humanistic Psychology and Positive Psychology Connection: implications for Psychotherapy. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 41, n. 1, 73-101, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022167801411006>.

RIBEIRO, J. P. **Do self e da ipseidade**: uma proposta conceitual em Gestalt- terapia. São Paulo: Summus, 2005.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2009.

SAADATI, H. *et al.* Effectiveness of Gestalt Therapy on Happiness of Elderly People. **Salmand: Iranian Journal of Ageing**, v. 8, n. 2, p. 7-15, 2013. Disponível em: <http://salmandj.uswr.ac.ir/article-1-650-en.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de fenomenologia ontológica. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica**: usando a nova psicologia positiva para renovação permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHELYI, M. Positive Psychology: an introduction. **American Psychology**, v. 55, p. 1-14, 2000.

SEWAYBRICKER, L. P. **Felicidade**: utopia, pluralidade e política (a delimitação da felicidade enquanto objeto para a ciência). 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) –Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SMITH, M. B. Humanistic Psychology. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 30, n. 4, p. 6-21, 1990. DOI: 10.1177/002216789003000402.

SOTO, C. J.; LUHMANN, M. Who can buy happiness?: personality traits moderate the effects of stable income differences and income fluctuations on life satisfaction. **Social Psychological and Personality Science**, v. 4, n. 1, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177%2F1948550612444139>.

SOUZA, A. M.; OLIVEIRA, C. R. Ser feliz: reflexões sobre felicidade e seus imperativos. **Saberes**, v. 1, n. 18, p. 7-19, 2018.

TAYLOR, E. Positive psychology and humanistic psychology: a reply to Seligman. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 41, n. 1, p. 13-29, 2001.

VANDENBOS, G. R. (Ed.). **Dicionário de psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

WATERMAN, A. The Humanistic Psychology–Positive Psychology divide: contrasts in philosophical foundations. **American Psychologist**, v. 68, n. 3, p. 124-133, Apr. 2013. DOI: 10.1037/a0032168.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

